

UMA ABORDAGEM REFLEXIVA E EDUCACIONAL A PARTIR DOS PRINCÍPIOS DO KARATÊ-DÔ

Ramon Silva de Lima

Instituto Federal de Ciência, Educação e Tecnologia do Estado do Rio de Janeiro
ramonsilvadelima@gmail.com



Resumo do artigo: No karatê-dô existem alguns textos norteadores para seu estudo, o dojo kun e o niju kun são dois deles. Os referidos textos serão tomados como principais objetos de análise para esse trabalho. Dojo kun pode ser traduzido como: mandamentos do local onde se pratica o caminho, mas, esses mandamentos não se restringem apenas ao local de treino, eles estarão com o praticante para sempre a partir de seu descobrimento. Estes lemas apenas têm início no dojo assim como o niju kun, que significa: vinte princípios. Durante a formação do praticante de karatê-dô existem aspectos educacionais voltados para a formação do indivíduo fora do dojo (local de treino), tais aspectos podem se dar com reflexões dos mandamentos já citados, contos orais, pesquisas individuais, entre outras práticas. Para este trabalho, será atido como principal aspecto, o estudo dos mandamentos e suas riquezas sem iguais quando remetido a reflexões filosóficas. Além disso, tais textos, ainda podem ser tomados como balizadores para uma educação ética e humanizada. São cinco os dojo kun: *respeitar acima de tudo; criar intuito de esforço; conter espírito de agressão; esforçar-me para a formação do caráter; fidelidade para com o verdadeiro caminho da razão*. Tal trabalho não visa apenas os karatecas (praticantes de karatê-dô), pois, os pensamentos postos em seu decorrer são de imediata associação para qualquer indivíduo, indo muito além de uma visão meramente marcial. E, essa proposta, de uma formação karateca que não se restrinja apenas ao local de treino é o real significado da expressão *dô* ao final da palavra karatê-dô.

Palavras-Chave: Karatê-dô, Dojo kun, Educação, Filosofia oriental, Ética.

Article abstract: In karate-do some guiding texts for his study, dojo kun and niju kun are two of them. These texts are taken as the main objects of analysis for this work. Dojo can be translated as: commandments of the place where the path is practiced, but, these commandments are not restricted only to the place of training, they are with the practitioner forever of its discovery. These slogans begin only in the dojo, as does the niju kun, which means: twenty principles. During a formation of the karate-do practitioner or a group of teachers or teachers, Labor has as its main aspect, the study of the commandments and their unequalled riches when referred to philosophical reflections. Moreover, such texts can still be used as guides for ethical and humanized education. There are five dojo kun: respect above all else; Create effort intent; Contain spirit of aggression; Strive for a character formation; Faithfulness to the true path of reason. Such work is not only aimed at karate as (karate-do practitioners), since the thoughts put on their behavior are of immediate association to any individual, going far beyond a merely martial vision. And, this proposal, of a karate formation that is not restricted only to the place of training is the real meaning of the expression for the final word karate-do.

Keywords: Karate-do, Dojo kun, Education, Oriental Philosophy, Ethics.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho visa analisar conceitos filosóficos e doutrinas do karatê-dô e, a partir desses princípios, refletir ações do dia a dia, assim mostrando que alguns conceitos orientais e ocidentais críticos, talvez, não sejam tão distantes como o senso comum nos faz crer, mas, uma percepção equivocada da educação de outros povos que nos faz acreditar que o esse outro faz tudo certo e, por consequência, aceitamos o nosso constante erro como se houvesse um modelo comum a ser tomado como balizador do agir.

Há diferenças entre as culturas ocidental e oriental, porém também há similaridades, e principalmente nessas similaridades que me atreei nesse trabalho, apenas devemos nos acautelar quando é afirmado o erro ou o acerto nas afirmações quando se refere um ao diferente. Sempre existirão percepções diversas quando houver comparação, seja ela de um ponto de vista alheio ou crítico. A priori tal ato se dará graças à pequena capacidade de conhecimento do outro, ou por uma tão menor quanto: conhecimento próprio. O outro indivíduo e a outra cultura sempre serão tabus, ou seja, repleto de incômodos, incerteza e contradições, já que só se tem os próprios olhos para enxergá-los.

Nesse sentido, o trabalho visa fomentar uma discussão a respeito de nossas condutas éticas e reflexões morais que naturalizam um discurso baseado na cristalização de regras sobre as atitudes desse ser, que parte de um início distinto do meu, tendendo a julgá-las como erradas. Tal conduta desconsidera a reflexão sobre a extensão do narciso resultando em uma “sabedoria” que é capaz de determinar tudo que o *outro* deve fazer, ou não fazer, mas é incapaz se combinar com a prática.

Muitos professores de artes marciais falam sobre a importância da não agressividade, de ser um cidadão de bem e sobre um caminho moral a ser tomado. Ainda sim, de forma contraditória, não é comum um trabalho voltado para alcançar esses objetivos, que são ditos como os corretos a serem seguidos. Muitas justificativas são que parte dessa deficiência se dá por uma carência de carga horária de treinamento. Entretanto, em locais onde é disponível mais tempo de treino, também é percebida essa carência de conteúdo histórico e filosófico, já que normalmente essa maior carga horária é usada para mais treino físico. Ainda que este tipo de treino seja importante e fundamental, será que os demais aspectos devem ser negligenciados?

METODOLOGIA

No decorrer do trabalho serão expostas possibilidades de reflexão para uma educação crítica na formação do praticante de karatê-dô e,

também, para o não praticante, a partir do *dojo kun* e do *niju kun*, que são textos norteadores do estudo do *dô*. Assim, auxiliando na percepção que o *karatê-dô* pode educar para além do *dojo* – esse é o entendimento a respeito da expressão *dô* em *karatê-dô*.

Karatê-dô pode ser escrito de variadas maneiras, todas estão certas e erradas, pois na realidade a escrita é feita em ideogramas japoneses. Sua tradução é: caminho das mãos vazias. *Kara* = vazia, *tê* = mão e *dô* = caminho. Esse caminho (*dô*) refere-se a um caminho para a vida, um modo de vida, algo que possa estar sempre comigo e me auxiliar nos momentos de angústia.

Dojo kun pode ser traduzido como: mandamentos do local onde se pratica o caminho, mas esses mandamentos não se restringem apenas ao local de treino, eles estarão com o praticante para sempre a partir de seu descobrimento. Estes lemas apenas têm início no *dojo* assim como o *niju kun*, que significa: vinte princípios.

São cinco os *dojo kun*: *respeitar acima de tudo; criar intuito de esforço; conter espírito de agressão; esforçar-me para a formação do caráter; fidelidade para com o verdadeiro caminho da razão*. A partir desses cinco mandamentos que serão nutridas as reflexões seguintes.

Como diziam os antigos mestres de *karatê-dô* a respeito dos mandamentos: “todos são primeiro/um”, ou seja, não existe uma ordem a ser seguida ao escrever ou falar o *dojo kun* e, todos são de igual importância. São partes de um todo. É fundamental termos isso em mente ao propor qualquer exercício a seu respeito.

Parte do caminho para alguma compreensão dos ensinamentos está nas influências religiosas que rodeiam e norteiam o *karatê-dô*. Por mais que muitos praticantes de artes marciais, em suma as orientais, não admitam ou não compreendam a influência religiosa contida em sua luta, ela está lá. Seja quando cumprimento, ou quando em afirmações do tipo: “no *karate* a gente acredita...”. Tais metodologias são de ordem religiosa. E, esses são indícios de que o *karatê-dô* é apoiado em religião, para ser mais assertivo, em religiões: Budismo e Xintoísmo.

O *niju kun* e o *dojo kun* são partes de um todo e, obviamente, estão interligados. Alguns são tão próximos em seu ponto de partida que aparentam abordar o mesmo ensinamento escrito de forma diferente, porém, em uma análise mais aprofundada, podemos perceber que existem diferenças.

Somado a isso, proponho nos capítulos a seguir uma abordagem marcial e crítica a partir de tal raciocínio filosófico. Compreendendo

perfeitamente que há outras infinitas abordagens para cada argumento aqui posto.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Neste momento trarei reflexões a respeito do cotidiano que compreendem o praticante ou não de karatê-dô. Será abordado cada um dos cinco dojo kun e, farei entrelaçamentos com as escritas do livro: *Os Vinte Princípios Fundamentais do Karatê*, principalmente. Onde é esmiuçado cada um dos vinte niju kun.

Conter espírito de agressão

Em uma primeira leitura podemos refletir sobre a agressão física, mas é sobre isso que esse mandamento diz? A resposta é sim, mas não apenas isso. Agressões psíquicas também nos vêm à mente ao refletimos um tempo a mais sobre tal proposta. Por que criticar um individuo é mal visto? Há diversas respostas, e, provavelmente, a verdade é um emaranhado de todas.

Um dos motivos pelos quais as pessoas normalmente não se atem como colocam a Bíblia e Kanal (2017): criticar é errado porque existe um dogma de viés religioso, cristão a priori, que nos proíbe questionar. Lúcifer caiu por ser orgulhoso, questionador e desobedecer às regras de Deus.

“Tu eras um modelo perfeito, cheio de sabedoria, a perfeita beleza... eras perfeito em tua conduta desde o dia em que foste criado, até se descobrir em ti a iniquidade,... então te profanei, excluindo-te da montanha de Deus” (EZEQUIEL 28: 11 - 16)

Nesse caso, representando a autoridade temos Deus, aquele que está certo sempre, ou seja, por não concordar com os mandos da soberania ele foi punido.

Outra: não devemos criticar o outro para não feri-lo. Devemos nos conter antes de criticar uma pessoa, não necessariamente para não o fazer, mas para pensarmos antes de agir, essa ação também nos é bem conhecida na face *dô* no karatê-dô. Não tomar a atitude ofensiva é um conceito básico quando se refere a arte marcial. *Não existe primeiro golpe no karatê-dô*, um dos vinte mandamentos. Funakoshi reflete esse conceito:

Muitos não conseguem captar o verdadeiro significado que está por trás do segundo princípio e afirmam que todo o budô baseia-se na ideia de golpear primeiro. É muito provável que essas pessoas nem sequer compreendam que o caractere bu (marcial), é constituído de dois caracteres que significam deter e alabardas ou lanças. Portanto, uma arte marcial detém a luta. Da mesma maneira, o caractere relativo à resistência ou paciência é um ideograma derivado de uma lâmina sendo sustentada e controlada pela mente ou espírito (FUNAKOSHI, p. 7 e 8, 2005).

Funakoshi (1999; 2005) quando fala: “*não pense em vencer. Em vez disso, pense em não perder.*” Ele completa: “O praticante que só

pensa em vencer perde o senso de humildade. Começa a ignorar ou a desconsiderar os outros...” (FUNAKOSHI, p. 18, 2005). Concluindo com a noção de que o karateca deve sempre estar pronto para todas as situações, esse ensinamento também “nos alerta para estarmos sempre preparados, uma advertência que pode ser amplamente aplicada em muitas facetas da nossa vida diária.” (FUNAKOSHI, p. 19, 2005).

Em um combate real, ao neutralizarmos a ameaça de agressão, podemos optar pelo fim da vida do adversário, porém fomos educados que tal escolha é errada e a alternativa correta a ser tomada é terminar a luta com a suspensão do combate. Assim a escolha foi à correta e, este é um exemplo de *conter espírito de agressão* em uma luta.

Respeitar acima de tudo

"Seu direito termina onde o do outro começa".

(Hobbes)

Essa pode parecer uma frase simples e, até, superficial visto que foi naturalizada e incorporada ao *status quo* da contemporaneidade, mas irá nos auxiliar no exercício de realizar uma análise mental. Por outro lado, é importante compreender as limitações determinadas pela análise de apenas uma perspectiva do que pode vir a ser uma definição do direito mútuo.

O niju kun: *não se esqueça de que o karatê-dô começa e termina com rei*, expressa tal questão na medida em que Funakoshi (2005) define o *rei* (reverência) como:

Rei costuma ser definido como "respeito", mas na verdade significa muito mais do que isso. Rei compreende tanto uma atitude de respeito pelos outros quanto um sentimento de autoestima. Quando aqueles que respeitam a si mesmos transferem esse sentimento de estima — isto é, de respeito — para os outros, a sua ação nada mais é do que uma expressão de rei (FUNAKOSHI, p. 6, 2005).

É difícil respeitar o outro em sua individualidade sem o compararmos conosco, ou mesmo tentar enxergar a si próprio nele e não o julgar. Alguns chamam o Budismo de pseudo-religião, por ser diferente do que o eurocentrismo nos afirmou que seria uma religião. Assim entramos na discussão: o que seria uma religião, esse conceito é entendido normalmente com dois grupos, monoteístas e politeístas, como o Budismo não compreende, ou ao menos não está preocupada com a ideia *teísta*, não a enquadramos como religião. Até existem outras questões, mas percebo essa como mais difundida.

Como o que se toma como ponto de partida são as próprias referências, não somos capazes de respeitar o que o semelhante diz muito menos sua forma de expressar seus conhecimentos. Será assim que se deve ensinar a

respeitar acima de tudo? Com as certezas do modelo correto, tomando as próprias medidas como universais. Essas reflexões remetem a uma ideia de *Rei*, a saudação contida no karatê-dô, que já foi explicada.

Protágoras, um sofista da antiga Atenas colocava em suas discussões: “a verdade é relativa”. Muito foi criticado por seus contemporâneos Sócrates e Platão por tal afirmação, já que eles não aceitavam tal relativismo, defendendo haver uma verdade pura e absoluta – ideal. Protágoras foi difamado pelos séculos seguintes e, por isso, hoje sabemos desde muito cedo quem foram Sócrates e Platão, no entanto, ninguém sabe quem foi Protágoras apesar de usarem suas afirmações para encerrar discussões de maneira “vitoriosa”.

Em 2005, o Papa Bento XVI, fala em seu primeiro discurso que “estamos caminhando para uma ditadura de relativismo” (BENTO XVI, p. 42, 2013). Mais uma vez criticando a prática que se acredita ter início com os sofistas. Tal atitude é compreensível, já que no século IV Santo Agostinho inseriu os pensamentos platônicos na igreja católica. Possivelmente, a atitude do papa tenha sido pela tal crescente onda relativista que estava tirando força da igreja católica, por ser uma instituição absolutista.

Esses momentos históricos das guerras de ideias ao qual já foram retratados nos mostram que não aprendemos nada com a história – o que deveria ser sua principal utilidade: aprender, para não repetir o que consideramos imperfeito. Ainda somos absolutistas e rasos com a verdade, um exemplo é o senso comum de que “a minha verdade é a verdade certa”. O próprio conceito de verdade absoluta é um tanto redundante porque a verdade por definição deveria ser absoluta. A prática sofista na antiga Grécia também nos coloca essa problemática quanto à natureza da verdade.

Outra forma de respeito é o respeitar-se. Mais praticado no oriente, mas está sendo descoberto aos poucos do nosso lado do globo. Respeite seu tempo. Karatê-dô leva tempo, muito tempo. Caso não consiga respeitar a si próprio terá mais dificuldade em sua prática. Acalme-se, pois “o karate é uma atividade vitalícia” (FUNAKOSHI, p. 15, 2005).

Respeito próprio também é quando não mentimos e quando somos justos, pois esse é o certo a ser feito, *o karatê-dô permanece ao lado da justiça sempre*. Ao não sermos justos com nós mesmos, é mais difícil dormir, por causa do peso na consciência. Ou quando mentimos é mais difícil viver, pois havemos de ter boa memória para não cairmos nessa armadilha que nós mesmos criamos: as possíveis contradições. Essas práticas são autodestrutivas e a sabedoria contida no karatê-dô luta contra as atitudes destrutivas.

“Conhece-te a ti mesmo” foi inscrita no pátio do Templo de Apolo localizado em Delfos. Sócrates se utiliza deste conhecimento para investigar em primazia conceitos a respeito da moral. Mas também se pode utilizar essa frase para uma busca profunda no estudo do estudar-se, meditar, refletir sobre si mesmo. No pensamento marcial oriental tal prática é comum. Nota-se no Budismo essa incessante busca por quem, ou o que, sou eu.

Criar intuito de esforço

Tudo é criar intuito de esforço, seja começar, seja finalizar. Esforço é um dos pilares que nos move. Seja qual for sua escolha para vida, enfrentará dificuldades.

O karatê-dô é uma atividade vitalícia, as palavras do mestre Funakoshi, já citadas anteriormente, mostra-nos que não há outro caminho se não o sempre. Através desse conhecimento é possível avaliar que temos uma visão equivocada sobre o fim das atividades na vida. Sejam elas obrigatórias ou por divertimento, elas não terminam, nós que as deixamos de lado por algum tempo. Nem sempre temos tempo para retomá-las. Da mesma forma, no karatê-dô, não se deve buscar conclusão das atividades, mas sim, a perfeição, que é inalcançável.

“Não existe um ponto definido indicando a conclusão do treinamento no karatê; sempre há um nível mais alto. Por essa razão os praticantes devem continuar treinando durante a vida inteira [...] Trilhar essa estrada infinita, tornar-se melhor hoje do que ontem e então melhor amanhã do que hoje — ao longo de toda a vida — é uma imagem verdadeira do Caminho do Karatê.” (FUNAKOSHI, p. 15-16, 2005).

O karatê-dô é como a água fervente: sem calor, retorna ao estado tépido. Esse é outro exemplo claro ao se falar em esforço, retrata muito bem o que já foi colocado. Esse mandamento explica um dos motivos de o karatê-dô ser uma atividade para a vida toda. Pois se paramos de treiná-lo a busca por melhora se perde, ou seja, quanto mais tempo afastado de algo, menos prática ou habilidade se terá com esse algo.

Estudar, praticar e aperfeiçoar-se sempre. Acredito que este ensinamento também revele a ideia de esforçar-se. A palavra *sempre* nessa frase deixa o esforço como pressuposto para as ações anteriores. Revelando-nos que no karatê-dô não devemos permanecer estagnados, assim como na vida.

Ao iniciar-se um combate temos que nos esforçar para não sermos derrotados, para isso, quanto mais se treina, menor a probabilidade de derrota – seja para o adversário, seja para você próprio, mas para esse feito deve-se sair da zona de conforto para escolher treinar. E, toda essa sequência de eventos tem início mental, é *criar intuito de esforço*.

Esforçar-me para a formação do caráter

“Caráter é aquilo que você é quando ninguém está olhando”.

(Epicuro)

O karatê-dô vai além do dojo, este é mais um niyu kun. O somatório deste mandamento, como o título, mais a epígrafe, tem-se uma visão mais clara de que o a arte marcial também é um modo de vida.

O karate permanece do lado da justiça. “Fazer o que é certo requer força e capacidade de verdade.” (FUNAKOSHI, p. 8, 2005). A justiça é o caminho certo a ser tomado já que ela é algo bom, assim como a noção de caráter. Esse é vínculo entre o niyu kun da justiça e o dojo kun da formação do caráter. Estar ao lado do bem e fazer o que é bom, esse são deveres do karateca.

Mas existir concordância com o que é a justiça é um tanto complicado e, obviamente, mais de uma interpretação de justiça ocorrerá para cada fato ou suposição. Uma problemática é a noção difusa entre vingança e justiça. Parte dessa culpa é das mídias, mas não acredito que toda ela, toda a culpa nunca é só de uma coisa, sempre é uma sequencia de acontecimentos que vão modificando as noções. Talvez a mídia tenha massificado esse entendimento. Tal problema também tem raiz na confusão do rancor pessoal com a noção de justiça pública, quando se sofre com a atitude de alguém, normalmente se quer o mal deste que o fez, porém essa é a definição de vingança e não de justiça.

Em um combate real, ao neutralizarmos a ameaça de agressão, podemos optar pelo fim da vida do adversário, porém fomos educados que tal escolha é errada, e a alternativa correta a ser tomada é terminar a luta com a suspensão do combate. Assim a escolha foi a certa, a boa e este é um exemplo de caráter. Este exemplo foi idêntico ao *conter espírito de agressão*, esta escolha foi proposital, para que se revele o entrelaçamento existente no dojo kun também em uma situação com possibilidade de impasse real. Bem como se tal exemplo fosse abordado em *respeitar acima de tudo*, identicamente seria perfeito para reflexão da atitude.

Fidelidade para com o verdadeiro caminho da razão

Nos anos iniciais em meu estudo sobre o karate, não compreendia muito bem a que essa frase se referia, após alguns anos percebo que minha dificuldade em sua compreensão era a palavra razão. Não conhecia sua definição ou seu

significado. Hoje sei seu significado, e estou engatinhando para compreendê-la melhor. Essa dificuldade se tornou um pouco obsessiva e, talvez, por isso, possa cometer a heresia de achar que esse é meu dojo kun preferido, isso quiçá porque enxergo melhor sua completude em vida em detrimento aos demais mandamentos. Pergunto-me se essa minha dificuldade também é de outros.

O karatê-dô, assim como outras artes marciais, sofreu muita influência religiosa de seus criadores, nesse caso: principalmente do Xintoísmo e do Budismo. Certa vez, Dalai Lama disse: “muitos consideram o budismo como uma ciência da mente, já que ela investiga a vida, e não apenas nos diz certezas a seu respeito”. A reflexão budista se assimila a como fazemos ciência nos dias de hoje e, também, ao que entendemos como pensamento filosófico.

Dalai Lama também põe um conhecimento a respeito do budismo que nos mostra como existe humildade na prática budista: “se a ciência comprovar que um conhecimento do budismo está errado, nós não teremos problemas em assumir essa nova verdade”. O orgulho para o budista não faz sentido e é por isso que a prática orgulhosa é abominada no karate.

Deve-se mudar a estratégia quando ela estiver equivocada. Não vale a pena continuar com algo que caminha à derrota, manter-se em tal caminho é burrice. Isso se reflete na luta, sabendo analisar o oponente e sendo maleável em quais técnicas aplicar contra ele. Saber mudar a estratégia se enxergarmos a derrota. Assim como a razão não é orgulhosa, também não devemos ser.

Os Niju kun que nos revelam bem esta noção em combate são: *não existe primeiro golpe no karatê-dô; mude de posição de acordo com o adversário; o resultado de uma batalha depende de como encara mos o vazio e o cheio (a fraqueza e a força); não se esqueça de imprimir ou subtrair a força, de distender ou contrair o corpo, de aplicar a técnica com rapidez ou lentamente.* Todos esses lemas nos mostram bem a razão aplicada à luta, ou seja, saber o que usar como usar e quando usar.

Nossos instintos e nossa razão estão em conflito todo o tempo, Freud coloca: “O ego representa o que pode ser chamado de razão ou senso comum, em constante com o id que contém as paixões...” (FREUD, p. 39, 1996). Cabe a cada um de nós conciliarmos e dominarmos esta guerra interna, ter o poder de escolher qual das faces irá triunfar em cada um dos momentos é um treino para toda uma vida e, provavelmente não se alcançará tal objetivo com plenitude.

CONCLUSÃO

O principal objetivo do trabalho foi propor uma reflexão a partir de passagens históricas, uma pequena perspectiva do pensamento budista e a visão de Funakoshi a respeito dos lemas do karatê e dos karatecas ideais. Tais reflexões não estão tão distantes assim como normalmente é dito.

“o caminho (DO), como um código de honra de toda arte marcial, ensina ao praticante a responsabilidade como o aprendizado na vida e o fazer dele, atentando para a importância do crescimento como homem de bem e espiritualizado. O praticante deve estar com o seu espírito constantemente voltado à superação e deve manter as diretrizes de sua evolução pessoal.” (Bull, p.10, 2012).

Como propõe Pondé (2016), os valores são mutáveis, a ética é diferente em momentos distintos do espaço-tempo. Porém, grande parte dos valores que eram ensinados como os corretos no passado distante, como Aristóteles (1991) escreve em *Ética a Nicômaco*, ainda hoje são interpretados como fundamentais para uma sociedade harmoniosa. E, como mostrado a filosofia oriental está no mesmo raciocínio quando o assunto é convívio.

Para contemplar todos os dojo kun de uma só vez existe uma palavra chave que define cada deles dojo kun: Respeito, Conter, Caráter, Razão, Esforço. Obviamente, desta forma, não compreendem a ideia central em cada um dos ensinamentos, mas, são partes de um todo: ao decidir não agredir o outro; quando escolho, não atacar outras pessoas eu contive meu espírito de agressão; também respeitei acima de tudo, pois respeitei à integridade física do outro; criei intuito de esforço ao ter que retomar a calma; raciocinei que essa deveria ser a melhor opção; então fui fiel ao caminho da razão; e esse somatório define meu caráter.

Então, com tais reflexões, o karatê-dô pode ser compreendido como mais uma ferramenta para uma educação crítica, voltada para o convívio em sociedade, a partir dos pontos de vista aqui analisados. E por mais uma vez podemos ver o plexo proposto nos raciocínios aqui postos, que a marcialidade e a educação cidadã existente no karatê-dô, estando ligadas diretamente, e, nunca deveriam ser separadas. Isso é o DÔ da arte marcial, uma arte marcial para além da arte, para além do dojo, para a vida.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*. Rio de Janeiro: Atlas Editora, 2009. Tradução de: Antônio de Castro Caeiro.

BÍBLIA Sagrada. São Paulo: Editora Vozes Ltda.

CARL Sagan Entrevista Dalai Lama LEGENDADO. 2015. Postado por: Marcos Herdy Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=E6qlAzaYoSg&t=32s>>. Acesso em: 12 mar. 2017.

FORTINO, Carla et al (Ed.). **O Livro da Filosofia**. São Paulo: Globo, 2011. Tradução de: Douglas Kim.

FREUD, Sigmund. **Volume XIX (1923-1925): o Ego e o Id e outros trabalhos**. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FUNAKOSHI, Gichin. **Karatê-Dô: O Meu Modo De Vida**. 7. ed. São Paulo: Cultrix, 2013. Tradução de: Euclides Luiz Calloni.

_____. **Karatê-Dô Kyohan: O Texto Mestre**. São Paulo: Cultrix, 2014. Tradução de: Wagner Bull.

_____. **Karatê-Dô Nyumon: Texto Introdutório do Mestre**. São Paulo: Cultrix, 1999. Tradução de: Euclides Luiz Calloni.

_____. **Os Vinte Princípios Fundamentais do Karatê: O Legado Espiritual do Mestre**. São Paulo: Cultrix, 2005.

KARNAL, Leandro. **Pecar e perdoar: Deus e o homem na história**. 2. ed. Rio de Janeiro: Harper Collins, 2017.

PONDÉ, Luiz Felipe. **Filosofia para corajoso: Pense com a própria cabeça**. São Paulo: Planeta, 2016.